

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A INFLUENCIA DO POVO "BEAKER" NO PRIMEIRO PERÍODO DA IDADE DO BRONZE NA EUROPA OCIDENTAL.**

SAVORY, H. N.

Ano: 1950 | Número: 60

---

### **Como citar este documento:**

SAVORY, H. N., A Influencia do povo "Beaker" no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental. *Revista de Guimarães*, 60 (3-4) Jul.-Dez. 1950, p. 350-375.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A influência do Povo «Beaker» no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental

POR H. N. SAVORY

D. Phil., F. S. A.  
«Assistant Keeper» de Arqueologia  
no Museu Nacional de Gales.

---

As analogias existentes entre os actuais vestígios das civilizações pré-históricas em regiões da Europa muito distantes entre si são devidas a factores vários, que poderemos talvez concretizar do seguinte modo:

1. Comunidade étnica, resultante de um movimento migratório.
2. Influência cultural exercida, quer directamente por indivíduos com ascendente político ou religioso, mercadores ou técnicos viajantes, quer indirectamente pela imitação de objectos importados.
3. Importação de objectos através de numerosos intermediários, sem intercâmbio de carácter espiritual.

É um facto de há muito confirmado que, nos começos da Idade do Bronze, Portugal e a Grã-Bretanha apresentavam duas importantes características comuns: os sepulcros megalíticos e o vaso campaniforme (*bell-beaker*). Admite-se hoje, de um modo geral, que tanto o primeiro como o segundo dos factores acima estabelecidos desempenharam destacados papéis na introdução das culturas megalíticas nas Ilhas Britânicas, e que não é questão simples a definição da importância relativa que tive-

ram. Como o meu amigo Professor Stuart Piggott analisou o problema num recente artigo desta mesma Revista (1), é simplesmente meu desejo referir-me à sua conclusão de que apenas os túmulos de corredor (*passage graves*) da Irlanda e de algumas poucas áreas da Grã-Bretanha podem ter directa relação com imigrações ou influências culturais procedentes da Península Ibérica. Por outro lado, suponho que ninguém hoje duvida de que a expansão por toda a Europa central e ocidental da característica cerâmica campaniforme outra coisa não traduz, em primeiro lugar, senão — povo em movimento. A dúvida não está na existência desse movimento, mas na direcção que ele tomou. O Professor Piggott, no citado artigo (2), parece manifestar opinião um tanto ou quanto favorável à velha heresia segundo a qual os fabricantes da cerâmica campaniforme não tinham vindo da Andaluzia, mas da Europa central. É evidente que, se pudéssemos conhecer a origem desse povo especial e a direcção geral das suas deslocações, teríamos conseguido um precioso auxiliar para o estabelecimento da cronologia relativa das várias culturas europeias do primeiro período da Idade do Bronze, entre as quais o vaso campaniforme fez o seu aparecimento. Ao contrário do que sucede com determinadas jóias de ouro, não são raros os vasos campaniformes, antes aparecem com frequência e por vezes mais ou menos intimamente associados a outras espécies de objectos. Além disso, ao passo que, em quase todas as regiões da Europa onde têm sido achados campaniformes de qualquer tipo, existe, como veremos, um modelo singelo e primitivo de vaso campaniforme, o qual pode ser francamente atribuído à mais importante fase migratória do povo que manufacturou estes vasos (*Beaker-Folk*) — a maior parte da cerâmica que os arqueólogos consideram da família do vaso campaniforme pertence a grupos especiais, de mais limitadas áreas de expansão, cuja ornamentação reflecte, da maneira mais

---

(1) Vol. LVII, p. 139 e ss.

(2) *Ib.*, p. 146.

sensível, os vários contactos culturais que estes grupos locais sofreram.

É natural, sem dúvida, supor-se que um povo de tão acentuada mobilidade, como foi a dos autores dos vasos campaniformes, muito haja contribuído para a expansão de certos objectos do começo da Idade do Bronze, como sejam os punhais de cobre com lingueta ou espigão e as jóias de ouro, os quais têm sido, de facto, encontrados nas sepulturas desse povo, em várias partes da Europa, posto que não lhe atribuíamos mesmo a origem de tais objectos, ou até a sua manufactura. Isto nos leva a crer que, na verdade, o Povo «Beaker» tenha sido o primeiro agente da introdução da metalurgia em determinados países, nomeadamente na Grã-Bretanha. Há poucos anos, contudo, o Professor Childe e outros arqueólogos ingleses procuraram negar esta realização do Povo «Beaker», alegando a ausência de minério em locais das Ilhas Britânicas onde os campaniformes eram vulgares, os quais, por sua vez, eram raros na Irlanda, onde existem minas de cobre e ouro exploradas principalmente nos tempos pré-históricos <sup>(1)</sup>. Julgo, todavia, que este preconceito respeitante ao Povo «Beaker» se apoia em argumentos de frágil consistência, e o objectivo do presente artigo é precisamente defender o velho ponto de vista da origem da metalurgia no noroeste da Europa.

Esses argumentos que eu considero precários andam intimamente ligados a uma tentativa de revisão da cronologia relativa e absoluta das culturas do início da Idade do Bronze na Europa ocidental, que o Professor Childe traçou há pouco tempo <sup>(2)</sup> e o professor Piggott desenvolveu na sua recente colaboração nesta Revista. O Professor Childe apoia em grande parte o seu artigo nas trocas comerciais por via indirecta (que eu incluo aqui na minha terceira categoria de factores), como um processo de relacionamento da cronologia relativa das culturas da Europa pré-histórica com a cronologia absoluta do

---

(1) *American Anthropologist*, 1937, p. 1 e ss.

(2) *Cuadernos de História Primitiva*, II, n.º 1, p. 5 e ss.

Médio Oriente. Argumenta ele, e com razão, que para assegurarmos esta inter-relação se torna necessário não só utilizar artigos de importação das mais altas civilizações do Médio Oriente, para fixar um *terminus post quem* cronológico às culturas bárbaras do Ocidente, como utilizar paralelamente objectos da mesma procedência mas das civilizações mais recentes, para se determinar o *terminus ante quem* das mesmas culturas. Evidentemente que, se as cronologias absolutas das várias culturas pré-históricas da Europa se pudessem determinar todas por este processo, as nossas tentativas para averiguarmos quais dessas culturas foram as produtoras e quais as que tiveram apenas um papel receptivo, nas suas mútuas relações, seriam muito menos subjectivas.

Infelizmente, pelo que diz respeito ao ocidente da Europa no primeiro período da Idade do Bronze, Childe só conseguiu demonstrar quanto é insuficiente o método prescrito para a fixação de um *terminus ante quem*. É, com efeito, bastante ousado afirmar-se que um disco de ambar encastado em ouro encontrado num túmulo do Minóico recente II, de Zafer Papura, em Creta, foi importado da chamada «Cultura de Wessex», do sul da Inglaterra, só pelo facto de terem sido aqui encontrados mais dois objectos semelhantes, em túmulos pertencentes à referida cultura (1). Os três objectos bem poderiam ser todos provenientes de um terceiro centro, e, nesse caso, estes achados simplesmente nos revelam a existência de centros de poderio e abundância bastantes para atrair o comércio de tais enfeites pessoais. Seria pois indispensável um grande número de descobertas desses berloques de ambar montados em ouro, para chegarmos a saber onde possivelmente teria existido o seu centro de manufactura (2). E, se estes objectos foram, de facto, importados de um terceiro centro, a base para a determinação do nosso *terminus ante quem* encontra-se grandemente prejudicada; quanto a mim, sou contrário à opinião de

---

(1) *Cuadernos de História Primitiva*, II, n.º 1, p. 16.

(2) Vide também nota 1 de pág. 361.

que tais achados justifiquem a remota data que Childe e Piggott atribuem ao clima da «Cultura de Wessex». Mas é justo acrescentar que Childe tira melhor partido do seu método, quando relaciona as fases da Idade do Bronze britânica com as do norte e centro da Europa: deste modo, porém, não nos fornece com segurança a desejada cronologia absoluta.

Devemos confessar que a cronologia absoluta da Cultura de Wessex — que, na realidade, não passa de uma abstracção apoiada nos achados das ricas sepulturas de chefes da Idade do Bronze médio no sul da Inglaterra, revelando em grande parte uma classe de governo de origem estrangeira <sup>(1)</sup> — apenas dispõe, como até agora, de um *terminus post quem*. Este é-lhe facultado pelas contas de faiança segmentadas, que se presume tenham sido fabricadas no Egito nos séculos XIV e XIII a. C., e que foram encontradas num grande número de sepulturas de Wessex, supondo Childe (em minha opinião, erradamente) que estas definem um curto período entre as fases II e III da sua Idade de Bronze britânica, e constituem um reflexo de Aunjetitz, e até de Micenas, no que diz respeito ao trabalho dos metais. Na falta de um *terminus ante quem* verdadeiramente seguro para o final da cultura de Wessex obtido pela maneira preconizada por Childe, é importante considerar o seguinte facto: a análise dos tipos cerâmicos com os quais as contas de faiança segmentadas apareceram directa ou indirectamente associadas, no sul da Inglaterra, leva-nos à conclusão de que, se tais contas foram, na realidade, depositadas em sepulturas dos séculos XIV ou XIII a. C., as urnas

---

(1) Piggott, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 1938, p. 94 e ss. Neste importante artigo, a Cultura de Wessex foi apresentada como pertencente em grande parte, pelo seu carácter, ao Bronze inicial, devido às influências que revela de Micenas e Aunjetitz. Infelizmente, poucos espólios funerários, com excepção dos constituídos pela cerâmica, pertencem aos tipos vulgares nos quais se baseia a classificação geral da nossa Idade do Bronze, e os objectos utilizados para justificarem uma alta cronologia são, na sua maioria, constituídos por jóias, algumas delas talvez preciosas heranças, que possivelmente continuaram formas arcaicas,

cinerárias de bordo voltado para baixo, formando gola (*overhanging rim urns*, ou *collared urns*), características do Bronze médio britânico, tiveram praticamente toda a sua evolução tipológica durante esse período, após o qual poucas modificações sofreram até os séculos VIII ou VII a. C., ocasião em que foram substituídas, no sul da Inglaterra, pelas chamadas urnas «Deverel-Rimbury». A minha opinião pessoal é que as datas propostas pelo Professor Piggott para Wessex—inicialmente 1700-1400 a. C.—são muito altas, e que os limites de 1400-1000 a. C., devem considerar-se razoáveis. Esta opinião é baseada no princípio de que a evolução dos objectos vulgares e transitórios, tais como as cerâmicas, se torna mais expressiva do que a das jóias raras e preciosas, que podem muito bem ter sido depositadas nas respectivas sepulturas séculos após a data do seu fabrico, na qualidade de mobiliário já fora de uso <sup>(1)</sup>.

Devemos recordar que o Professor Piggott, no seu recente artigo publicado nesta Revista, aplica os princípios do Professor Childe à cronologia relativa da Cultura de Wessex e da Cultura ibérica dos túmulos de corredor. A sua conclusão de que esta última não remonta além de 1800-1400 a. C. não é somente paradoxal: é também, em meu entender, mais uma prova da fragilidade das cronologias relativas «científicas», baseadas unicamente na aproximação de algumas jóias de duas culturas diferentes, com exclusão de quaisquer outras considerações. De facto, os seus argumentos baseiam-se na suposição de que as arrecadas de oiro batido, «em forma de cesta» (*basket-shaped earrings*), bem como os discos e as lúnulas encontradas em Portugal, são objectos importados das Ilhas Britânicas, onde tais jóias são consideradas da época da Cultura de Wessex, ou ligeiramente anteriores, pelo seu agrupamento com objectos dessa época, e de que, por sua vez, a Cultura ibérica dos sepulcros de corredor pode ser datada, no seu conjunto, em face da simples descoberta

(1) Para mais completo desenvolvimento desta hipótese, vide o meu artigo in *Archaeologia Cambrensis*, 1948, p. 79 e ss.

numa gruta artificial do tipo de Palmela (a Gruta da Ermegeira) de um par de arrecadas de ouro do referido modelo das arrecadas «britânicas» em forma de cesta. A qualquer pessoa que esteja ao par dos resultados da obra levada a cabo nos últimos anos por Georg e Vera Leisner, e, em Portugal, pelos meus amigos P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay e Major Afonso do Paço, não tenho necessidade de chamar a atenção para o erro que resulta de se pretender basear uma cronologia de toda a Cultura ibérica dos túmulos de corredor nas descobertas da Ermegeira. As escavações dos arqueólogos portugueses acima citados permitiram verificar claramente que o material outrora agrupado, de uma maneira vaga, sob a designação de «calcolítico» representa, na verdade, uma evolução que durou vários séculos, à qual se pode marcar, embora sob reserva, uma fase inicial e outra avançada, não obstante a raridade de estratificações no sentido rigoroso da palavra, mas tendo em atenção o aparecimento, em diferentes lugares, de tipos comuns, que foi possível dispor numa sequência evolutiva. Assim, na Gruta II de Alapraia <sup>(1)</sup>, virtualmente não existe o metal, predominando os micrólitos e pontas de seta de base convexa, uma lúnula de pedra calcárea e cerâmica campaniforme da melhor espécie. Por sua vez, em Vila Nova de S. Pedro <sup>(2)</sup>, abundam os instrumentos de cobre, incluindo as «pontas de Palmela», e predominam as pontas de seta mitriformes, enquanto que a cerâmica campaniforme é de fabrico inferior e apresenta uma decoração evolucionada.

No seu trabalho, extraordinariamente completo, sobre a cultura megalítica do sul da Espanha <sup>(3)</sup>, Georg Leisner também admite esta evolução, considerando o primeiro período dessa cultura equivalente às fases II e II-III da Cultura de Almeria. É igual-

---

<sup>(1)</sup> *Anais da Academia Portuguesa da História*, IV, p. 137 e ss.

<sup>(2)</sup> *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología*, XX, p. 89 e ss.

<sup>(3)</sup> *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Erster Teil, p. 570.



mente de opinião que nem aos sepulcros de corredor, nem aos campaniformes do sudeste de Espanha pode ser atribuído um período curto, considerando nesta cerâmica uma fase primitiva com ausência do metal, e outra fase mais recente acompanhada de punhais de cobre com lingueta de encabamento, e de « pontas de Palmela » (1). Um estudo dos grupos de sepulturas, admiravelmente ilustrados, que ele publicou, também nos mostra a evidência que as jóias de ouro aparecidas nas sepulturas do sul da Espanha (2) estavam inteiramente ligadas à fase tardia do vaso campaniforme. Outro resultado, de ordem mais geral, que desse estudo se colhe é a impressionante lição prática resultante do valor das ilações tiradas da análise da coincidência de vários tipos comuns de objectos num número verdadeiramente grande de sepulturas colectivas. Pode acontecer que nessas sepulturas não exista, em rigor, uma estratificação, como afirma Childe (3), pois até raras vezes se consegue averiguar com que restos individuais os objectos foram encontrados; mas, apesar disso, a informação obtida pela análise a que acabamos de aludir é muito mais valiosa do que aquela que poderíamos obter por meio de uma ou duas simples associações de objectos valiosos e raros, cujo lugar de fabrico é incerto, e alguns dos quais constituam talvez espólios depositados em data muito posterior àquela em que eles foram manufacturados. Em Arqueologia nunca é demasiado recordar as palavras de Pitt-Rivers': « Common things are of more importance than particular things, because they are more prevalent ».

Actualmente o material da Gruta artificial funerária da Ermegeira, do qual fazia parte um par de brincos do tipo « britânico » (4), é considerado, no seu conjunto, como pertencendo sem dúvida à última

---

(1) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Erster Teil*, p. 455-9, 568 e 591.

(2) *Ib.*, p. 520.

(3) *L. c.*, p. 7.

(4) *Ethnos*, II, p. 449 e ss.

fase da cultura «calcolítica» do centro de Portugal: foi ali recolhida uma ponta de seta mitriforme, e a cerâmica campaniforme pertence à fase decadente; foram também encontradas contas tubulares, de fina lâmina de ouro, semelhantes às que no sul da Espanha apareceram associadas à cerâmica campaniforme do último período (1). Não se torna evidente que o longínquo paralelismo cronológico, que os brincos de ouro testemunham, apenas se pode admitir entre a fase inicial da Cultura de Wessex e a fase avançada da «Cultura de Palmela» em Portugal? Nenhuma relação subsiste com a data das mais antigas grutas sepulcrais portuguesas, ou com os túmulos megalíticos de corredor. Além disso é caso muito para ponderar se os brincos de ouro e as lúnulas achadas em Portugal foram ou não, de facto, importadas da Grã-Bretanha. A afirmação de que o foram depende, em parte, de uma cronologia relativamente alta para o começo da metalurgia na Irlanda e para a conseqüente exploração dos seus jazigos de ouro e de cobre, e portanto de uma cronologia igualmente alta para a cultura contemporânea de Wessex. Mas, da cronologia absoluta recentemente apresentada por Leisner para a cultura de Los Millares (2), a melhor estabelecida até hoje, conclui-se que Alapraia II, tendo produzido boa cerâmica campaniforme e uma lúnula de pedra calcárea, deve ser muito mais antiga do que o começo da Idade do Bronze britânica, e por conseguinte que a lúnula de Alapraia poderá ser séculos mais velha do que qualquer dos exemplares irlandeses. Além disso, a lúnula de prata achada numa sepultura calcolítica italiana de Villafraanca, perto de Verona (3), deve ser igualmente muito anterior às irlandesas. Esta última apresenta para este nosso estudo uma importância muito particular, pelo motivo de ser ornamentada ao longo da margem com fiadas de pontos em relevo, feitos do reverso para o anverso, do mesmo modo que nas

---

(1) Leisner, *l. c.*, p. 520

(2) *Ib.*, p. 586 e ss.

(3) *Bulletino di Paleontologia Italiana*, LII, p. 9 e ss.

arrecadas de ouro em forma de cesta achadas em Portugal e nas Ilhas Britânicas. O falecido J. E. Forsander, no seu penetrante estudo acerca das origens da Idade do Bronze escandinava (1), afirma que uma técnica igual surgiu na Hungria, na aurora da Idade dos metais, em certo número de jóias metálicas, incluindo discos de ouro com ponteados a repuxado em torno do bordo, de um tipo semelhante aos que foram encontrados juntamente com a lúnula de Cabeceiras de Basto, cuja técnica faz lembrar a de uma lúnula de bronze achada em Velvary, na Boémia (2), numa sepultura pré-aunjetitziana. Supomos que ninguém ousaria afirmar que estas jóias tivessem sido importadas da Grã-Bretanha, pois os espólios de que elas faziam parte são mais antigos que os das jóias de ouro britânicas. É muito provável que a difusão destas jóias, atendendo à técnica da sua ornamentação e às suas formas, tivesse origem nas culturas calcólicas das regiões próximas dos Alpes, chegando de aí até Portugal, e posteriormente às Ilhas Britânicas, onde, dentro em pouco, seriam imitadas em grande número, devido à abundante produção de ouro de que então dispunha a Irlanda. Devemos acrescentar que tanto as lúnulas como as arrecadas em forma de cesta têm uma tradição muito antiga no Médio Oriente (3). A teoria de Craw (4) de que as lúnulas irlandesas de ouro foram inspiradas nos colares escoceses feitos de contas de azeviche é um exemplo flagrante das conclusões erróneas a que pode dar lugar um ponto de vista demasiadamente restrito. Tanto as lúnulas de ouro irlandesas, como os colares escoceses de azeviche e os colares ingleses de âmbar não passam de variantes mais ou menos paralelas de um mesmo tema derivado do Continente, fabricadas com o material disponível

---

(1) *Der Ostskandinavische Norden während der ältesten Metallzeit Europas*, p. 47 e ss.

(2) *ib.*, p. 48.

(3) Childe, *Dawn of European Civilisation*, 3.ª edição, p. 319.

(4) *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 1929, p. 154 e ss.

local, sendo de um interesse secundário o que essas variantes possam dever umas às outras.

Raciocínio idêntico se pode aplicar à suposição, que Piggott compartilha com a maioria dos arqueólogos ingleses, de que todas as lúnulas de ouro aparecidas no Continente, bem como as da Grã-Bretanha, devem considerar-se importadas da Irlanda. Não resta dúvida de que, apesar de a metalurgia irlandesa só ter o seu início nos começos da Idade do Bronze, rapidamente se tornou muito importante graças à abundância local do cobre e do ouro, e, de facto, muitos instrumentos de bronze e jóias de ouro foram exportadas da Irlanda para França, Países-Baixos e norte da Europa. Algumas lúnulas de ouro achadas nestas regiões mostram tão flagrante semelhança, nos detalhes da sua ornamentação, com os típicos exemplares irlandeses que a sua origem da Irlanda pode admitir-se com todas as probabilidades (1). Existe, contudo, um pequeno grupo, mas largamente disperso, de lúnulas de ouro do Continente cuja decoração não tem paralelos na Irlanda. São ornamentadas com um número variável de sulcos marcados a punção ao longo dos bordos, e por vezes também a meio. Dois exemplares deste tipo apareceram na Dinamarca (2), um dos quais já foi considerado por Salomon Reinach e por Déchelette como um artefacto local; um terceiro foi encontrado em Schulenburg, no Hanover. Dois outros, com sulcos centrais e marginais, parece terem sido achados num túmulo datado do Bronze inicial ou médio, em Dinklar, no distrito de Marienburg, no noroeste da Alemanha (3). Torna-se portanto muito significativo, sem a menor dúvida, o facto de a bem conhecido lúnula de ouro de Cabeceiras de Basto (Portugal), publicada pelo Coronel Mário Cardozo (4),

---

(1) *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, figs. 9-12.

(2) *Proceedings of the Prehistoric Society*, 1937, p. 465, est. XXX.

(3) *Bericht der Römisch-Germanische Kommission*, 1941, II Teil, p. 13.

(4) *Nós*, n.º 72 (1930), p. 207 e ss.

ser também decorada com três sulcos centrais, no sentido longitudinal, ao mesmo tempo que ao longo do bordo corre uma simples fiada de pontos em relevo, tal como dissemos da lúnula de prata proveniente das proximidades de Verona. Parece-nos que neste pequeno número de lúnulas do Continente, de um tipo diverso das irlandesas, se encontra o elo de ligação entre a lúnula de calcáreo de Alapraia e as correspondentes jóias da Irlanda, muito posteriores a essa, não devendo portanto as lúnulas continentais ser consideradas derivadas das irlandesas, mas sim anteriores. E, para que não possa alegar-se que o extraordinário número de lúnulas de ouro da Irlanda demonstra precisamente a fecunda superioridade da metalurgia desse país, vem muito a propósito citar aqui as conclusões a que chegou Broholm, a primeira autoridade dinamarquesa sobre a Idade do Bronze, acerca da origem dos notáveis vasos de ouro escandinavos datados do Bronze médio ou recente (1). Embora estes vasos tenham sido encontrados em muito maior quantidade numa área relativamente pequena do oriente da Dinamarca e sul da Suécia, do que numa vasta zona a sul, que se estende desde a França à Polónia, ele conclui, com fundamentos técnicos e tipológicos, que os achados escandinavos não podem ter sido manufacturados localmente, devendo, na sua maioria, ser objectos de importação, talvez das regiões do Alto Reno e do Alto Danúbio. A frequência dos achados na Escandinávia considera-a ele devida a um costume local de depositar nos pântanos, como oferendas votivas, objectos de ouro. Não será admissível que o mesmo se possa ter dado com a grande quantidade de lúnulas irlandesas?

É tempo de voltarmos ao assunto principal deste artigo — o Povo «Beaker». Já atrás aludimos ao facto de todas as jóias de ouro do Bronze inicial achadas em sepulturas da Península Ibérica estarem directa ou indirectamente relacionadas com o Povo «Beaker» — isto é, com a sua característica cerâ-

---

(1) *Acta Archaeologica*, XIX (1948), p. 200 e ss.

mica ou instrumentos de cobre, punhais de lingueta ou «pontas de Palmela», objectos que naquelas sepulturas aparecem intimamente associados às referidas jóias. Se é exacto o ponto de vista geralmente aceite de que este povo se expandiu da Península Ibérica para diversas partes da Europa, não será também natural supor-se que tenha sido ele o primeiro agente da expansão na Europa ocidental, tanto dos instrumentos de cobre das espécies citadas, como dos tipos de jóias áureas a que nos temos referido? Abstraindo da questão do centro de manufactura destes objectos, podemos apontar conjuntos «Beaker» fora da Península Ibérica, como os encontrados na Inglaterra, contendo brincos de ouro «em forma de cesta», e ainda o achado que se verificou num túmulo onde existia um belo vaso campaniforme do tipo «internacional», em Odoorn, na Holanda, de duas contas tubulares de lâmina de ouro (1), semelhantes a outras igualmente aparecidas juntas com cerâmica campaniforme, em Gandal, Andaluzia (2), Ermegeira e Palmela. Nunca se deu, porém, a associação de uma lúnula de ouro com cerâmica campaniforme, mas é digno de nota o facto de o trabalho inciso dos modelos típicos das lúnulas irlandesas, que Craw julga ter sido inspirado na disposição das contas e placas alternadas dos colares de azeviche, apresentar uma notável semelhança com a decoração evolucionada dos campaniformes britânicos das classes «B 1» e «A». Mas antes de podermos interpretar o significado destes conjuntos, alguma ajuda neste sentido obteremos das considerações acerca da luz que uma análise da própria cerâmica campaniforme possa projectar sobre a origem e movimentos dos fabricantes desses vasos.

Quando estudamos as ricas colecções do material calcolítico de Alapraia e Palmela, impressionou-nos muito especialmente a existência de dois grupos distintos de estilos da cerâmica classificada pelos

---

(1) Van Giffen, *Bauart der Einzelgräber*, II, est. 116.

(2) Leisner, *L. c.*, est. 67.

arqueólogos portugueses como pertencendo ao campaniforme. O primeiro desses grupos é caracterizado por « vasos campaniformes » no sentido rigoroso da palavra: grandes vasos de curvas suaves, cujos exemplares mais belos apresentam como decoração um motivo singelo, constituído por faixas ou listas paralelas horizontais, preenchidas com linhas ponteadas em diagonal, de direcções alternadas em cada faixa. O formoso vaso campaniforme de Alapraia II <sup>(1)</sup> é um exemplar deste modelo. O segundo grupo é constituído não só por vasos campaniformes muito mais baixos do que os do primeiro grupo, com a união do pescoço ao bojo mais nitidamente demarcada, mas ainda por numerosas tegelas e pratos hemisféricos, por vezes com fortes bordos achatados, e, finalmente, por taças com pé. Em todos estes vasos se verifica uma tendência para os temas decorativos muito mais complicados do que os do primeiro grupo, e para uma técnica de execução não de ponteadado leve, mas acentuadamente vigoroso, ou de fortes sulcos contínuos frequentemente incrustados de uma substância branca, a qual, por vezes, devido à riqueza dos motivos decorativos, dá o efeito de uma renda. Alguns dos mais belos exemplares deste grupo procedem das sepulturas de Palmela <sup>(2)</sup>. Isto de modo algum nega, como é óbvio, a existência de um estreito parentesco entre estes dois grupos cerâmicos, não só em presença das semelhanças de fabrico, como pelos motivos decorativos comuns e pela existência de exemplares híbridos, com o perfil dos campaniformes maiores mas a decoração de sulcos. Ora, como nós tivemos oportunidade de estudar a cerâmica de outros locais portugueses e de compulsar as publicações espanholas que nos foram acessíveis, chegámos à conclusão de que esta diferença de estilos é comum a toda a Península.

Assim, a grande massa de abundante material proveniente dos antigos povoados próximos de Car-

---

(1) *Anais da Academia da História*, IV, p. 133, fig. 26.

(2) Vide, por ex., Castillo, *La Cultura del vaso campaniforme*, est. XXXVIII.

mona, na Andaluzia (1), e de todos os de Ciempozuelos, perto de Madrid (2), pertence ao segundo destes grupos que acabamos de estabelecer, e que somos levados a dividir em —cerâmica do vaso campaniforme propriamente dita, e na chamada «cerâmica incrustada de Palmela-Ciempozuelos». Por outro lado, a cerâmica da Galiza (3) pertence, nítida e exclusivamente, ao primeiro grupo. É claro que, embora estas duas espécies cerâmicas apareçam muitas vezes conjuntamente, nos mesmos lugares (geralmente sem estratificação), numerosos sítios existem em várias partes da Península que apenas produziram um destes dois grupos: por exemplo, o povoado recentemente explorado em Montes Claros, perto de Lisboa, por Jalhay e Afonso do Paço (4), que deu exclusivamente cerâmica do segundo grupo e indústria lítica primitiva. Ainda mais significativo é o facto de a distribuição dos dois grupos oferecer grandes contrastes em toda a Península. A zona do primeiro é essencialmente costeira (Portugal, Galiza, Andaluzia, norte da Catalunha e País Basco), enquanto que a do segundo denuncia uma forte expansão no sul da Catalunha e na Meseta, especialmente nas duas Castelas (5). Deste modo, e unicamente à luz da evidência ibérica, é lícito concluir que estas duas classes de cerâmica devem, de facto, representar dois agrupamentos distintos de povos, posto que relacionados entre si; mas um golpe de vista para além Pirenéus deve dissipar toda a dúvida.

Ao passo que os autênticos vasos campaniformes do nosso grupo 1 aparecem na maior parte das

---

(1) Castillo, *La Cultura del vaso campaniforme*, est. VI-X e *Cuadernos de Historia Primitiva*, 11, 2, p. 65 e ss.

(2) Castillo, *ib.*, est. XIV-XX.

(3) *ib.*, est. LXXXIV.

(4) *Lisboa e seu Termo*, I, p. 51 e ss.

(5) A mais flagrante excepção é constituída pelos dois vasos campaniformes do tipo 1, de Entretérminos, Madrid (Vide Pidal, *História de España*, I, p. 617), que mostram a aplicação de impressões à corda em parte da decoração, semelhante à dos campaniformes desta classe, de Castellón e do País Basco, mas que evidentemente não pertencem à primeira fase da colonização «Beaker». Ver adiante p. 368-369.



áreas onde a cerâmica campaniforme, no sentido mais geral, está representada — em quase todas as zonas costeiras da França, na Sicília, norte de Itália, Europa Central, região do Reno, Países-Baixos e finalmente Grã-Bretanha —, além Pirenéus não aparecem exemplares perfeitos do grupo 2, posto que alguns modelos híbridos e decadentes ocasionalmente surjam, que encontram na Catalunha os seus mais flagrantes paralelos (1). Estes vasos devem ser incluídos entre os campaniformes mais ou menos evolucionados ou decadentes do grupo 1, pois umas vezes revelam, nos seus temas decorativos, a influência da cerâmica incrustada de Palmela-Ciempozuelos, outras a de vários grupos cerâmicos inteiramente independentes da cerâmica do vaso campaniforme, originários de diversas regiões da Europa.

O contraste da distribuição destes dois grupos não escapou ao Professor Bosch-Gimpera, que, em recentes exposições dos seus pontos de vista sobre a cultura do vaso campaniforme (2), tenta dispor todas as classes de cerâmica campaniforme segundo uma série de fases evolutivas, a primeira das quais é caracterizada pela cerâmica incrustada de « Palmela-Ciempozuelos » da melhor espécie, a segunda pelos modelos degenerados desta cerâmica, especialmente representados na Catalunha, e a terceira pelos vasos campaniformes do nosso grupo 1, incluindo aparentemente os de melhor qualidade; a estas fases de decadência seguem-se ainda mais duas no noroeste da Europa. Não posso deixar de concordar com os dois primeiros estádios desta evolução, quanto é certo que eles são tipologicamente plausíveis e supostamente garantidos pela estratificação, na Gruta de Somaén (3). Mas é evidente que, quando Bosch pretende fazer derivar o estilo III do estilo II, se baseia no princípio de que aquele predomina nas

---

(1) Por ex., no Aude: Hélène, *Origines de Narbonne*, figs, 38, 39; Var: *Rhodania*, 1923, p. 122.

(2) *Man*, 1940, p. 6 e ss.; *La Formación de los Pueblos de España*, p. 65 e ss.

(3) *Man*, 1940, p. 10.

áreas que supomos foram colonizadas pelo Povo «Beaker» mais tarde do que a Península Ibérica. Ora isto é tipologicamente inaceitável. Poder-se-ia, porventura, admitir que os puros exemplares do grande vaso campaniforme, iguais ao de Alapraia II, constituíssem uma evolução da cerâmica tardia de Ciempozuelos, procedente da Catalunha? Evidentemente que o fabrico, a técnica da decoração e os seus temas são muito diferentes para que tal se possa aceitar; seja como for, a decoração em sulcos parece ter predominado sobre a decoração de ponteadão fino, à maneira que o estilo II ia substituindo o I. Sem dúvida que é mais de aceitar a hipótese de nos encontrarmos em presença de dois grupos distintos, e em parte contemporâneos, de cerâmica campaniforme manufacturada por comunidades diferentes. Este ponto de vista pode seguidamente ser desenvolvido, dando lugar à hipótese de o «campaniforme internacional», que constitui o nosso primeiro grupo, representar a primeira fase da colonização de um povo essencialmente móvel, e por consequência talvez caçador ou pastor, enquanto que a cerâmica incrustada do nosso segundo grupo traduz mais sedentarismo, e por conseguinte o predomínio de comunidades agricultoras. Mas, para nos assegurarmos desta conclusão, melhores resultados podem ser obtidos por meio de escavações, especialmente nos locais dos primitivos povoados; e povoados do Povo «Beaker», fora de Espanha e Portugal, são extraordinariamente raros, o que talvez possa tomar-se precisamente como a indicação de uma vida pastoril. Não obstante a afirmação da clara evidência da prioridade do nosso primeiro grupo, é certo contudo que ambos os grupos se sobrepõem no tempo. Na sua análise completa do material das escavações de Siret e de Bonsor, reconheceu Leisner a distinção entre estes dois grupos <sup>(1)</sup>, dando ao primeiro a designação de «grupo por via marítima» (*sea travel group*), e considerando o segundo como tendo vindo

---

(1) *L. c.*, p. 455 e ss. e 568.

do interior; coloca o primeiro grupo na sua fase inicial da Cultura de Los Millares (2200-1800 a. C.), com formas degeneradas na segunda fase (1800-1400 a. C.), enquanto que o segundo grupo é totalmente incluído nesta segunda fase e período seguinte de El Argar. De facto, é provável que o grupo da cerâmica incrustada tivesse uma grande duração em certas regiões da Península, especialmente na Meseta superior, onde em geral é rara a cerâmica « argárica » e a cerâmica incisa revela a tradição da cerâmica incrustada, mas cada vez mais imperfeita e contaminada, até à chegada da Primeira Idade do Ferro. Grande parte da cerâmica da Penha, em Guimarães, pertence a esta última fase (1).

Entre os arqueólogos espanhóis, sòmente o Professor Bosch-Gimpera se não desligou da ideia, que em primeiro lugar vulgarizou (2), de que a cerâmica do vaso campaniforme teve a sua filiação em Espanha, na « cerâmica das grutas », grosseiramente incisa e estampada da Andaluzia e da Meseta, atribuída presentemente por Martinez Santa-Olalla à sua cultura hispano-mauritana. É certo que muita desta cerâmica pertence realmente ao último período da decadência da tradição da cerâmica incrustada de Palmela-Ciempozuelos. Por outro lado, o Professor Martinez Santa-Olalla tem revelado últimamente uma certa tendência para admitir o carácter exótico da cerâmica do vaso campaniforme, incluindo-a no seu complexo ibero-sariano (3). Rejeita a ideia de uma cultura do vaso campaniforme independente: para ele, a cerâmica campaniforme está precisamente

---

(1) Noutro artigo nosso, publicado em *Proceedings of the Prehistoric Society* (n.º 12 de 1949), comentámos a actual tendência dos Professores Bosch-Gimpera e Martinez Santa-Olalla, perfilhada por outros arqueólogos espanhóis, para considerarem grande parte desta cerâmica como introduzida por imigrantes da « Cultura dos túmulos » da Idade do Bronze, ou ainda das culturas do Hallstatt recente, da Alemanha ocidental.

(2) Ebert, *Reallexikon*, IV, 2, p. 345 e ss.

(3) *Cuadernos de Historia Primitiva*, II, 2, p. 65 e ss., especialmente p. 81 ss.

integrada naquela vaga concepção de uma onda de influência oriental, vinda das mais altas civilizações do Médio Oriente. Os paralelos cerâmicos que ele nos apresenta como testemunhos dessa tese são, por isso mesmo, muito remotos, e nada nos podem elucidar acerca da origem imediata da cerâmica campaniforme. Mas é digno de nota o facto de ele se referir, de preferência, ao nosso grupo incrustado e não ao vaso campaniforme *stricto sensu*, sendo certo que aquele grupo constitui, de facto, o mais ocidental dos núcleos pertencentes a uma grande família de cerâmica incrustada, da qual igualmente faz parte a cerâmica de Stentinello e vários grupos danubianos, tal como o de Wietenberg e Boian A. A densa investigação de Leisner classificou contudo como estranhos e intrusos certos espólios funerários contendo campaniformes, encontrados em alguns túmulos megalíticos da Andaluzia (1); e, na verdade, a distribuição costeira do modelo inicial do vaso campaniforme leva-nos a admitir que estejamos em presença de uma expansão por via marítima, distinta da que inspirou a cultura megalítica. Posto que o aparecimento de boa cerâmica campaniforme na Sicília (ao passo que a da Sardenha está intimamente relacionada com as formas decadentes do sul da França) nos leve à convicção de que o seu ponto de partida deve situar-se em qualquer região do sul do Mediterrâneo ocidental (talvez no Sara, onde o contínuo dessecação pode ter provocado a deslocação para norte de um povo de caçadores ou de pastores), não é possível mencionar achados africanos de vasos campaniformes típicos. Mas também é um facto indiscutível que a análise da decoração desta cerâmica não nos permite defender a tese de uma origem centro-europeia para o movimento do vaso campaniforme. Os belos modelos primitivos, comparáveis ao vaso de Alapraia II, são ali verdadeiramente raros, e a abundância da cerâmica de outros grupos locais, neolíticos ou calcolíticos, nada nos revela acerca do ponto de origem da sua evo-

---

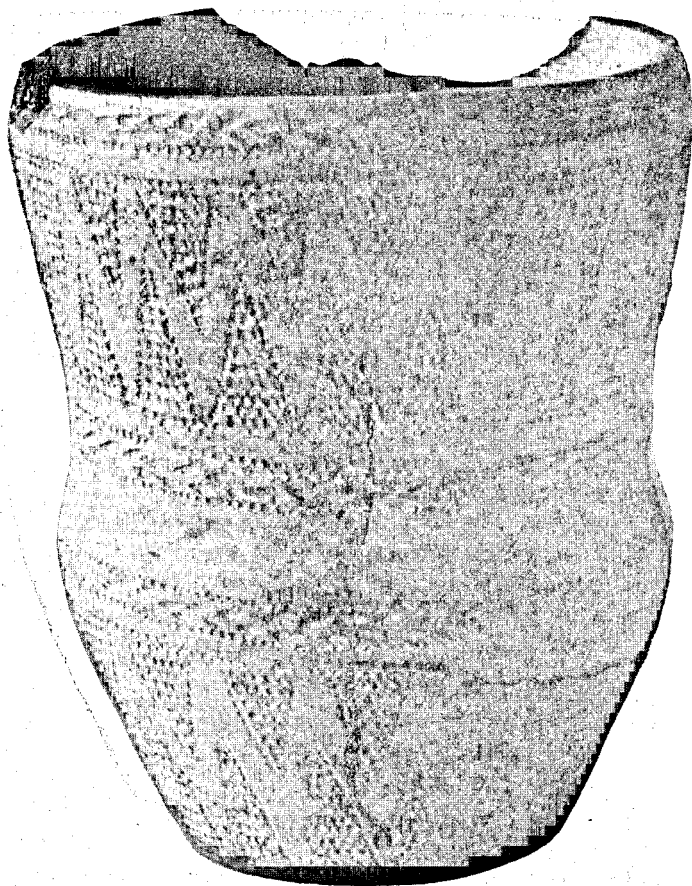
(1) *Arqueologia e História*, 1945, p. 18, est. 10-11.



**Fig. 1** — Vaso campaniforme do tipo «B 1», procedente de Penderyn  
(sul do País de Gales)

3/5 do tamanho nat.

(Fotografia do Museu Nacional de Gales).



**Fig. 2—***Vaso campaniforme do tipo «A», de Merthyr Mawr  
(sul do País de Gales)*

*3/5 do tamanho nat.*

*(Fotografia do Museu Nacional de Gales).*

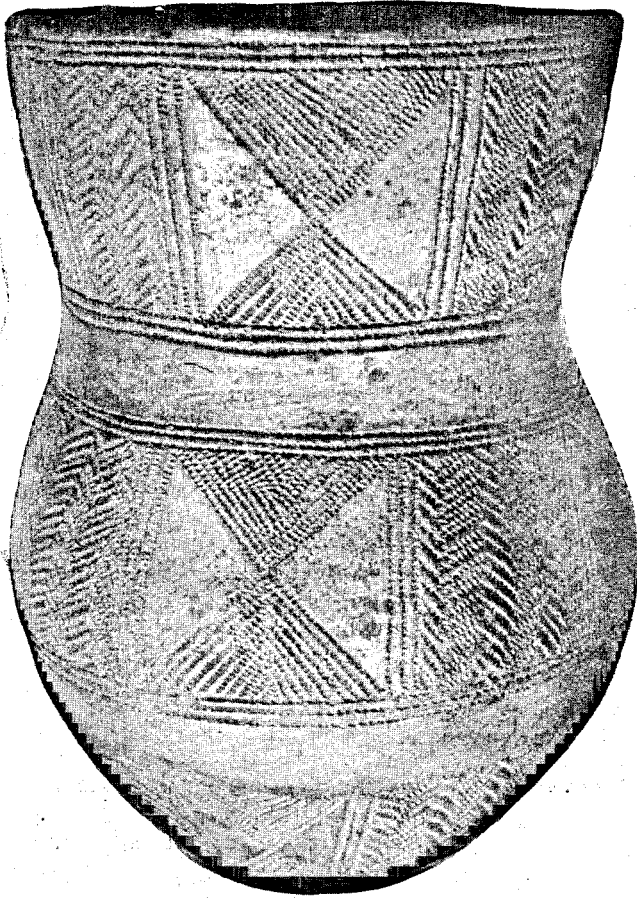


Fig. 3— Vaso campaniforme do tipo «AC», de Llanhamy  
(sul do País de Gales).

1/2 do tamanho nat.

(Fotografia do Museu Nacional de Gales).

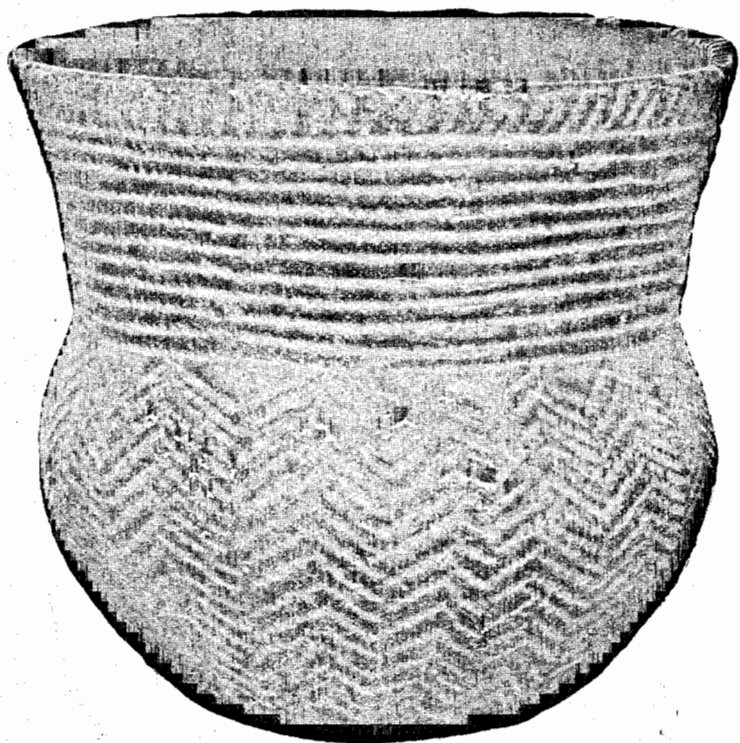


Fig. 4— Vaso campaniforme do tipo «C», de Aberbechan  
(norte do País de Gales).

4/5 do tamanho nat.

(Fotografia do Museu Nacional de Gales).



lução; por outro lado, a maioria dos vasos campaniformes da Europa Central é constituída por tipos genuinamente locais, que não encontram paralelo em Espanha ou Portugal. Será da África que nos há-de vir o esclarecimento deste problema.

É lícito admitir, com o testemunho de Leisner, que o meu primeiro grupo de vasos campaniformes, a cujo tipo dei a designação de «campaniforme internacional», representa o vaso na sua forma inicial, o protótipo que já talvez por volta de 2000-1800 a. C. teria chegado a Espanha e Portugal. É um facto que os vasos campaniformes do noroeste da Europa revelam, em geral, um acentuado declínio na qualidade, em comparação com os de Espanha e Portugal (*fig. 1*); esta circunstância, aliada à de alguns dos melhores exemplares ingleses terem aparecido juntos a punhais de lingueta, do tipo que pertence exclusivamente à segunda fase do Calcolítico em Espanha e Portugal (1800-1400 a. C.), levamos à conclusão de que a principal colonização da Grã-Bretanha pelos artifices do vaso campaniforme necessita de ser consideravelmente remoçada, talvez para 1800-1600 a. C. Por outro lado, a qualidade de certos campaniformes espanhóis nos quais aparecem impressões horizontais praticadas à corda <sup>(1)</sup>, denuncia quão cedo o Povo «Beaker» estabeleceu contacto, em qualquer parte da planície do norte da Europa, com outro povo caçador ou pastor—os autores da cerâmica cordada. O Professor Childe é de opinião <sup>(2)</sup> de que os vasos campaniformes com ornamentação à corda tiveram a sua origem na Grã-Bretanha, mas parece mais provável que esse contacto com o povo da cerâmica cordada tivesse lugar primeiramente no Continente, talvez na França ocidental. Campaniformes desta espécie têm sido encontrados em certa quantidade não só na Gasconha e na Bretanha, mas ainda em Poitou <sup>(3)</sup>. Além disso

---

(1) Por ex., Vilarreal, Castellón. Castillo, *L. c.*, est. LXI.

(2) *Homenaje a J. M. Santa-Olalla*, p. 196 e ss.

(3) Dolmens de Villaigre, Vienne: Museu da Société des Antiquaires de l'Ouest, Poitiers; Dolmen de Villedieu, Deux-Sèvres, Museu de Niort.

alguns campaniformes cordados têm aparecido, cuja distribuição constitui para nós uma lição apreciável. É natural que um povo nómada não se desloque sempre na mesma direcção, mas, pelo contrário, se mova em sentidos diferentes, conforme a tal seja obrigado pela variação das estações ou pela sobrevida de grandes secas. Só tendo presente no espírito esta circunstância é que nos será possível compreender a evolução dos diversos tipos especiais de campaniforme do noroeste da Europa, por exemplo dos tipos britânicos «A», «B 2-3» e «C», que Piggott e Childe descreveram nos seus trabalhos.

Os campaniformes primitivos «A», de bom fabrico e temas simples, semelhantes ao exemplar do sul do País de Gales que aqui represento (*fig. 2*), mostram afinidades decorativas com muitos dos vasos campaniformes franceses (1), se bem que, com esta forma, não tenham aparecido até hoje no Continente. Como a sua distribuição é nitidamente ocidental no sul da Inglaterra, e algumas vezes aparecem em estreita associação com os campaniformes «B 1», é possível que eles ali chegassem já diferenciados dos autênticos vasos campaniformes, vindos de qualquer região do noroeste da França; porém, quase todos devem constituir modelos de uma evolução que teve lugar na própria Inglaterra. Outros campaniformes «A» de boa qualidade, como um, também do sul do País de Gales, aqui reproduzido (*fig. 3*), são semelhantes na forma aos vasos «C», e apresentam uma decoração de métopas cujo campo aparece cortado por duas diagonais, em aspa, ou X (*saltires*). Este tipo de decoração é característico dos campaniformes da Europa Central (2), e não tem representação a oeste do Reno. A maneira como, neste caso, se deu o contacto não é fácil de explicar; outros campaniformes britânicos, como o da nossa *fig. 4*, procedente do norte do País de Gales, parece deverem muito ao campaniforme cor-

---

(1) Por ex., Castillo, est. XCVIII, C, CVI-II.

(2) Por ex., Castillo, est. CXXXVIII-CXLI, CLXVIII-CLXX.

dado da Escandinávia e norte da Alemanha. Mas a verdade é que, quando pretendemos apontar um grupo de campaniformes do Continente que, no seu conjunto, possa ser criteriosamente considerado como um antepassado de algum dos grupos britânicos especiais — não o encontramos. Por vezes alguns arqueólogos britânicos têm sido levados a supor que os nossos campaniformes « A » foram aqui introduzidos vindos da região do Reno: mas, tal hipótese não resiste a uma análise rigorosa. Há, de facto, na Holanda certos grupos de campaniformes aos quais correspondem tipos semelhantes na Grã-Bretanha; os nossos, porém, apresentam uma nítida evolução, tendo os seus melhores exemplares na Escócia, onde a cultura do campaniforme mostra ter mantido uma longa sobrevivência. É muito possível, sem dúvida, que este facto traduza um movimento reflexo, da Grã-Bretanha para os Países-Baixos (1). Tal como a limitada expansão da cerâmica incrustada de Palmela-Ciempozuelos parece indicar uma população mais sedentária — talvez a mescla do povo do vaso campaniforme com os agricultares neolíticos —, também a restrita expansão de tipos mais evolucionados de campaniformes do noroeste europeu possivelmente indique um gradual abandono da vida nómada por parte de determinados grupos do Povo « Beaker » que se misturaram com as populações neolíticas estabelecidas na Grã-Bretanha e noutras partes, mantendo todavia o contacto com as populações « Beaker » afastadas, por meio daqueles seus irmãos de raça que continuaram nómadas.

Um dos enigmas da pré-história britânica é o da origem dos conhecidos « vasos de comida » (*food-vessels*), a que Piggott alude no citado artigo desta Revista (2). O protótipo do vaso de comida é um vaso de fundo chato e com a parte superior do bojo saliente, pescoço côncavo e bordo largo; em volta da parte superior passa um largo e fundo sulco, cor-

---

(1) O Professor Van Giffen, ilustre Arqueólogo holandês, transmitiu-me verbalmente, em conversa, esta opinião.

(2) *L. c.*, p. 149.

tado a intervalos por asas verticais, como que para receberem uma corda de suspensão. Onde estes vasos existem melhor evolucionados é no norte da Inglaterra e no sul da Escócia, e parece terem ali sucedido aos campaniformes; mas também na Irlanda se encontram, com adaptações locais. A atenção de diversos arqueólogos britânicos tem sido atraída <sup>(1)</sup> para o facto da semelhança que, em parte, eles oferecem com certos vasos encontrados na galeria coberta (*gallery grave*) de La Halliade, na Gasconha, e noutras regiões do sudoeste da França, verificando além disso que os vasos com pés múltiplos, como os característicos de La Halliade, aparecem por vezes juntamente com os vasos de comida. Esses arqueólogos ficam hesitantes em face do problema do modo como tais vasos conseguiram chegar desde os Pirenéus ao Yorkshire sem deixarem rasto algum da sua passagem nas regiões interpostas.

Melhor compreenderíamos este problema se nos lembrássemos de que os vasos franceses de colo estriado (*shoulder-grooves*) e pés múltiplos fazem parte de um grande conjunto cerâmico que se estende desde o Danúbio médio, através das regiões alpinas e norte da Itália, até os Pirenéus. Na Itália, este conjunto cerâmico é conhecido pela designação de «Cultura de Polada»; a sua expansão no sul da França é atribuída ao começo da Idade do Bronze, e coincide com a decadência do vaso campaniforme, como se verificou, pela estratificação, na Gruta de Ruisseau, Aude <sup>(2)</sup>, e na Gruta de Treille, também no Aude <sup>(3)</sup>. Parece-me que a propagação das formas de Polada pode muito bem ter sido efectuada por elementos «Beaker» nómadas, numa data relativamente tardia, por certo não mais antiga do que 1500 a. C. Não há necessidade de se fazer remontar hoje a expansão da cerâmica por esse povo a uma época muito afastada. Os vasos de madeira, que

---

(1) *Archaeological Journal*, 1937, p. 56 e ss.

(2) *Bulletin de la Commission Archéologique de Narbonne*, XVI, p. 30 e ss.

(3) *Ampurias*, XI, p. 25 e ss.

pela sua resistência deviam oferecer vantagem para os nómadas, podem ter servido de elemento intermediário. Vasos polípodos de madeira foram, de facto, encontrados num túmulo, juntamente com um campaniforme cordado, em Stedten, na Alemanha (1). O vaso de comida britânico do norte, consequentemente com seu carácter local, pode muito bem dever a sua evolução aos descendentes do cruzamento do Povo «Beaker» com os povos britânicos neolíticos, que houvessem imitado os modelos importados de madeira. Esta hipótese explicaria o caso da ornamentação em «falso relevo» (*false relief*), ou excisa, do grupo dos vasos de comida, obtida pela imitação da decoração esculpida (*chip-carved*) dos vasos de madeira.

Um tal contacto entre o Povo «Beaker» e o dos artífices da cerâmica de Polada pode explicar também a origem de outros objectos diversos, que foram espalhados pelo primeiro. Assim os botões especiais, feitos de osso, marfim ou pedra, com forma cónica, hemisférica, ou «em concha de tartaruga» e perfuração em V, parece terem sido introduzidos na Europa Ocidental pelo povo de Polada, mas expandidos pelo Povo «Beaker», quer em Portugal, quer na Grã-Bretanha. É provável que os punhais de Bronze com furos redondos para os rebites do punho, que, igualmente como os botões, aparecem juntos aos nossos campaniformes do tipo «A», tenham origem semelhante. E o que dissemos atrás (especialmente a págs. 360-361) acerca dos brincos de ouro em forma de cesta e das lúnulas contribui também para confirmar a importante influência que o povo de Polada teve no caso presente.

Chegamos agora a um ponto que nos aproxima do problema final deste artigo, ou seja, a escassa representação na Irlanda da cerâmica do vaso campaniforme, a despeito da atracção que esse país oferecia aos metalurgistas. Em primeiro lugar, já expuz o meu ponto de vista de que, acima de tudo,

---

(1) Schultz, *Vor- und Frühgeschichte Mitteldeutschlands*, p. 43, fig. 45.

devemos considerar o Povo «Beaker» constituído por caçadores ou pastores nómadas: a metalurgia foi, de início, uma ocupação de artífices especializados. Nessas condições seriam eles principalmente atraídos pela abundância das excelentes pastagens dos montes de calcáreo e greda, das regiões altas do oriente e sul da Inglaterra, certos de obterem, por outro lado, através dos seus largos contactos comerciais, os artefactos de metal ou a matéria prima para o seu fabrico. É naturalmente impossível averiguar hoje se os metalurgistas que trabalharam na Grã-Bretanha (que as descobertas de moldes de fundição confirmam) tinham ou não a mesma origem dos habitantes do país. O que, porém, nós pretendemos demonstrar é que a expansão da metalurgia está intimamente ligada aos movimentos do Povo «Beaker». Aquilo que sobre a origem dos vasos de comida afirmámos poderá contribuir para explicar a razão da raridade do campaniforme na Irlanda e o carácter de decadência da grande maioria dos exemplares ali conhecidos: de facto, o Povo «Beaker» deve ter emigrado do norte da Grã-Bretanha para a Irlanda já numa época tardia, na ocasião em que ele substituiu o tradicional campaniforme, como oferenda funerária, pelo vaso de comida. Mas o problema tem ainda outra explicação. Extensas áreas do sul da Irlanda (incluindo algumas onde existem importantes jazigos de cobre utilizados nos tempos primitivos) têm sido até há pouco muito deficientemente exploradas sob o ponto de vista arqueológico. Porém, nos últimos anos, o Professor O'Riordáin, de Dublin, localizou um certo número de povoados no Condado de Limerick, onde encontrou cerâmica do vaso campaniforme (1). Nessa região descobriu ele um vaso campaniforme inteiro, muito semelhante a um típico campaniforme inglês da classe «A», ornamentado com uma barra de motivos angulares (*chevrons*), procedente de Stogursey, no Somerset (2).

---

(1) *Proceedings of the Royal Irish Academy*, 1942, p. 255 e ss.

(2) Abercromby, *Bronze Age Pottery*, I, est. V, 12.

Este modelo especial de campaniforme «A» é característico da área do Canal de Bristol (*Fig. 2*). A referida cerâmica irlandesa do sul é o testemunho de um provável movimento, completamente independente, partindo do sul do País de Gales numa data anterior àquela em que a mesma cerâmica foi introduzida no norte da Irlanda. Devemos também recordar que é nesta mesma área do sudoeste da Irlanda onde existe o principal centro de petróglifos constituídos por «côvinhas e círculos» (*cup and ring*), que McWhite estudou <sup>(1)</sup> e que Piggott relaciona com o povo dos vasos de comida e com a introdução da metalurgia na Irlanda. Ora os mais aproximados paralelos destes petróglifos existem na Galiza, como Piggott confirma; mas ali não há «vasos de comida», existindo contudo vasos campaniformes. Na minha opinião, é no movimento do Povo «Beaker» que se encontra o verdadeiro elo de ligação entre a Galiza e a Irlanda; e a íntima associação dos petróglifos de círculos e *fossettes* com os vasos de comida somente demonstra quanto era duradoira a influência «Beaker» entre os artifices daquela cerâmica. De modo que, tanto na Irlanda como na Grã-Bretanha, e, em data mais recente, também no Continente (com excepção da área Nórdica), aparece-nos uma cultura de túmulos individuais na qual predominam os elementos «Beaker», sobreposta em larga escala por uma cultura de túmulos colectivos. É dessa cultura dos túmulos individuais, assim constituída na Irlanda, que deve ter surgido a criação da sua florescente metalurgia, a qual tão importante papel desempenhou na primeira fase da Idade do Bronze no norte da Europa. Foi este, em minha opinião, o papel do Povo «Beaker». Confesso, porém, que esta opinião não passa de uma simples hipótese, que necessita de confirmação constante, à luz de novas descobertas.

---

(1) *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, 1946, p. 59 e ss.